



Perfil de Decisão de Carreira no Início da Adolescência: Avaliação de um Modelo Simplificado de Decisão

Profile of Career Decision at the Beginning of Adolescence: Evaluation of a Simplified Decision Model

Sofia Vieira, José Tomás da Silva, Teresa Sousa Machado
Universidade de Coimbra

Resumo

Ao decidirem os indivíduos escolhem determinados cursos de ação em detrimento de outros. As pessoas preocupam-se com as suas decisões pelas implicações que elas têm para o seu desenvolvimento e bem-estar. Aprender a decidir é um processo que se intensifica no início da adolescência, mas pouco se conhece sobre os fatores e as suas vicissitudes nesta fase do desenvolvimento. Este estudo testa um modelo simplificado da tomada de decisão de carreira com 312 jovens com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos. Os resultados mostraram uma estrutura fatorial diferenciada. As implicações dos resultados são discutidas.

Palavras-chave: decisão de carreira, fatores de indecisão, adolescência

Abstract

In deciding individuals choose certain courses of action over others. People are concerned about their decisions because of the implications they have for their development and well-being. Learning to decide is a process that intensifies in early adolescence, but little is known about the factors and their vicissitudes at this stage of development. This study tests a simplified model of career decision-making with 312 young people aged 9 to 13 years. The results showed a differentiated factorial structure. The implications of the results are discussed.

Keywords: career decision, indecision factors, adolescence

Introdução

O ato de decidir determina a opção de um indivíduo por um determinado curso de ação em detrimento de outro, ou outros, que podiam ser hipoteticamente escolhidos. Muitas das decisões efetuadas pelos seres humanos são triviais, mas algumas são mais fundamentais e formam uma trajetória contingente bem definida, como é o caso das decisões que têm lugar no domínio da carreira profissional. As decisões importantes são fontes de stresse e mal-estar para os indivíduos. A indecisão vocacional, ou seja, a diminuição da capacidade do indivíduo para fazer um compromisso apropriado e requerido com uma direção

educacional ou vocacional (Osipow, Carney, & Barak, 1976) é um fenómeno comportamental frequentemente observado. A indecisão vocacional (ou, lato senso, a indecisão de carreira) é, por isso, um dos tópicos da ciência vocacional mais frequentemente estudados (Crites, 1969; Gati, Osipow, & Krauz, 1996; Santos, 2013; Silva, 2004). Tradicionalmente, a psicologia vocacional tem centrado a investigação da indecisão, ou, mais genericamente, das dificuldades relacionadas com o processo de tomada de decisão (Gati & Tal., 2008; Gati et al., 1996) no final da adolescência e início da idade adulta. Tal concentração é compreensível uma vez que é nessa época que precisam de tomar-se decisões que marcarão fortemente o devir vocacional. Todavia, essas decisões começam a formar-se nos primeiros anos de vida e prolongam-se por todo o ciclo de vida (Super, Savickas, & Super, 1996). Como mencionaram Hartung, Porfeli e Vondracek (2008) a infância representa o princípio do desenvolvimento vocacional e envolve um período ativo da parte dos indivíduos de consciencialização sobre o mundo do trabalho. Segundo Hartung e colaboradores (2008) “as oportunidades e experiências da infância tipicamente servem para despertar curiosidades, fantasias, interesses e capacidades à medida que as crianças constroem futuros eus possíveis que poderão ser realizados no trabalho e em outros papéis sociais” (p. 63). Linda Seligman (1994) referiu-se à infância como sendo os anos da identificação e diferenciação e à fase da pré-adolescência como os anos do crescimento e da procura. Os primeiros anos de escolaridade, correspondendo aproximadamente ao estágio de iniciativa/culpa no modelo de E. Erickson, são aqueles em que se criam as fundações para as futuras realizações académicas e sociais e em que se estabelecem as atitudes, crenças e competências que terão efeitos duradouros no desenvolvimento de carreira (Savickas, 2005; Seligman, 2004). A teoria de Super (Super, et al., 1996) dá especial relevo à capacidade dos indivíduos para dominarem tarefas progressivamente mais complexas à medida que transitam para diferentes estádios de desenvolvimento vocacional. Durante a infância (etapa

do crescimento: nascimento-14 anos) destacam-se três subfases: fantasia (idade 0-10 anos), interesses (11-12 anos) e capacidades (13-14 anos). No primeiro período mencionado, as necessidades são dominantes e a representação dos papéis na imaginação e ficção é importante. Na subfase seguinte os gostos são os principais determinantes das aspirações e das atividades. É já durante a puberdade e pré-adolescência que as capacidades, competências e os requisitos educativos e profissionais começam a assumir alguma saliência nas narrativas vocacionais dos indivíduos (Super et al., 1996). Embora, nas sociedades ocidentais atuais a infância apareça ainda como uma fase de moratória cultural constituindo um período livre do trabalho e de outras responsabilidades (Hartung et al., 2008), essa imagem está a dissipar-se rapidamente à medida que as crianças dispõem cada vez de menos tempo para momentos de jogo e de brincadeira não-estruturados e passam mais tempo em atividades escolares e extracurriculares organizadas. Como afirmam Hartung et al. (2008, p. 63) hoje há uma ideia generalizada de que as crianças precisam de “acumular uma série de experiências que promovam atitudes, crenças e competências fundamentais para imaginar um futuro, tomar decisões de carreira, explorar o self e as profissões e modelar as suas carreiras”. Para os vários autores que vimos referenciando, a infância é perspectivada como um período crucial para o desenvolvimento das bases da adaptabilidade de carreira, isto é, para os indivíduos poderem adquirir as atitudes, crenças e competências necessárias, quer para enfrentarem as tarefas previsíveis de preparação e de participação no papel de trabalho, quer para lidarem com as adaptações imprevistas suscitadas pelas mudanças no trabalho e nas suas condições (Savickas, 1997).

Apesar da centralidade das tarefas de desenvolvimento da infância e do começo da adolescência para o desenvolvimento vocacional subsequente ainda pouco se conhece sobre esta época da vida (e.g., Hartung, Porfeli, & Vondracek, 2005; Stead & Schultheiss, 2010; Watson & McMahon, 2005) e, em especial, esse desconhecimento é ainda mais visível a respeito dos fatores associados com o processo decisão e as suas vicissitudes, nos primeiros anos da adolescência. Alguma teorização, como vimos, sugere que as primeiras decisões/preferências são fortemente baseadas nas identificações das crianças com os pais, outros adultos significativos, e, frequentemente, modelos ou heróis reais ou ficcionados. Sabe-se que as crianças entre os seis e os 11 anos expressam muitas escolhas profissionais; estas escolhas inicialmente têm pouca ou nenhuma relação com os interesses ou capacidades, mas com a idade a influência destes fatores torna-se cada vez mais saliente (Gottfredson, 1981). As primeiras escolhas profissionais revelam-se frequentemente instáveis e a maioria das crianças mudará os objetivos de carreira antes de alcançar a idade adulta, todavia, algumas delas terá escolhido a sua profissão futura durante estes anos. As escolhas realizadas nesta altura, como vimos, são influenciadas por inúmeros fatores (práticas de socialização,

estereótipos, fantasias, autoconceito, interesses, capacidades) que, como a investigação mostra, continuarão a exercer os seus efeitos em etapas subsequentes do desenvolvimento. Já sobre os fatores que influenciam a capacidade das crianças verbalizarem escolhas e compromissos (mesmo os de curta duração) a literatura não é esclarecedora e não sabemos se os fatores que aparecem em fases posteriores do desenvolvimento são idênticos aos que atuam em momentos anteriores. Uma questão pertinente para os investigadores da indecisão vocacional em crianças e adolescentes, e à qual este estudo se dirige especificamente, consiste em saber se é viável generalizar um modelo estrutural das dificuldades de decisão a este período de vida e, adicionalmente, se a sua medida é exequível e compatível com os padrões psicométricos normativos.

Os principais modelos da indecisão de carreira foram desenvolvidos em populações de adolescentes mais velhos e de jovens adultos (Amir & Gati, 2007; Slaney, 1988). Há uma imensa literatura sobre os vários modelos e muitas questões a seu respeito continuam envoltas em polémica (Tinsley, 1992). Uma questão recorrente é a da natureza e número de dimensões do construto de indecisão, variando as posições grandemente conforme o autor consultado (Gati et al., 1996; Kelly & Lee, 2002). Brown & Rector (2008), por exemplo, através de uma meta-análise encontraram mais de 50 variáveis que têm sido investigadas como potenciais correlatos da indecisão de carreira e, ademais, identificaram cinco estudos de análise fatorial que revelaram entre três e oito fatores, ou variáveis latentes possíveis para as dificuldades de decisão de carreira. Infelizmente, nenhum dos cinco estudos utilizou amostras de crianças e de jovens adolescentes. Ademais, a maioria das formas disponíveis para medir estes fatores são compostas por várias dezenas (em alguns casos mais de uma centena) de itens. Instrumentos com estas características não são, em geral, apropriados para aplicações com indivíduos mais novos, sendo preferível nestes casos medidas mais curtas e menos exigentes das competências cognitivas (e.g., percepção, atenção, memória) necessárias para a elaboração das respostas. Um modelo multidimensional da indecisão da carreira e que simultaneamente contém um pequeno número de itens para a operacionalização das suas dimensões foi apresentado por Jones (1989) na sequência de um primeiro estudo publicado por Jones e Chenery (1980). O modelo (e a medida correspondente: *Career Decision Profile*, CDP) mostrou ter propriedades psicométricas genericamente aceitáveis. A validade das inferências foi examinada através de análises fatoriais exploratórias e confirmatórias (Jones, 1989) e com base nas associações das pontuações das suas subescalas com medidas da personalidade e de carreira (Jones & Lohmann, 1998). Neste modelo tridimensional do estado de decisão (Decisão, Conforto e Razões), as dimensões são ortogonais e podem representar-se espacialmente através de um cubo. *Decisão* avalia o grau que o indivíduo está seguro acerca da sua escolha vocacional, *Conforto* mede a aceitação emocional do indivíduo face à sua situação

atual de escolha vocacional e, por fim, *Razões* mede os fatores que hipoteticamente explicam o progresso que o indivíduo manifesta no contínuo de decisão-indecisão de carreira. As quatro facetas desta última componente são a *Clareza de si mesmo*, o *Conhecimento acerca das profissões/oferta educativa*, a *Decisividade* e a *Importância da Escolha de Carreira* (Jones, 1989). É importante assinalar a correspondência entre as facetas da dimensão de Razões (Jones, 1989) e as obtidas na meta-análise de 28 matrizes das 50 variáveis de indecisão conduzida por Brown e Rector (2008), designadamente entre o seu fator “indecisividade/afetividade negativa” e a dimensão de “decisividade” do CDP e entre o fator “falta de informação” (Brown & Rector) e as duas facetas correspondentes do CDP (clareza da autoimagem e conhecimento acerca das profissões/formações educativas). Numa investigação com alunos do 9.º ano de escolaridade Portugueses, Silva (1997), comprovou que as dimensões do CDP acima referidas eram marcadores de dois fatores major da indecisão de carreira, nomeadamente de um fator afetivo-motivacional (*Decisividade*), mais associado a dificuldades crónicas de indecisão e de um fator cognitivo-informacional (*Clareza de Si* e *Conhecimento das Profissões*), respetivamente. Noutro estudo subsequente, usando a versão portuguesa do CDP igualmente com uma amostra de alunos do 9.º ano, Silva (2009), a análise fatorial confirmatória, mostrou que os itens dos dois fatores mais cognitivos estavam associados num mesmo fator e que os itens da dimensão de *Decisividade* formavam um único fator independente do anterior. A dimensão *Conforto* e a faceta *Importância da Escolha* não mostraram níveis adequados de consistência interna no estudo com estudantes do 9.º ano e, por isso, decidimos não as usar na presente investigação. Assim, neste caso aplicámos um modelo simplificado do CDP, incluindo um subconjunto restrito das suas dimensões (e itens) admitindo que essa simplificação seria mais adequada para o estrato etário da população-alvo.

O presente estudo tem vários objetivos interrelacionados. Em geral, visa-se testar a generalização do modelo tridimensional simplificado de Jones (1989) a amostras de indivíduos mais novos. Mais especificamente, procura-se examinar as seguintes hipóteses: (1) três fatores ortogonais são suficientes para explicar as correlações inter-itens do CDP (simplificado), (2) a consistência interna das respostas nas facetas analisadas é adequada, (3) não há diferenças sexuais nas pontuações das subescalas do CDP, (4) as pontuações das subescalas do CDP estão significativamente associadas com um índice numérico do grau de indecisão (QAP).

Método

Participantes

A amostra inclui 312 jovens, de ambos os sexos, a maioria dos quais são raparigas ($n = 163$, 52%). Os participantes frequentavam o 5.º ($n = 109$, 35%), 6.º ($n = 109$, 35%) e 7.º ($n = 94$, 30%) anos de escolaridade em

escolas ensino privado localizadas na região da Grande Coimbra. A maioria dos alunos não apresenta qualquer retenção/repetição de ano escolar ($n = 276$, 88%); todavia, daqueles que já ficaram retidos alguma vez no seu percurso escolar ($n = 36$), a maioria apenas tem uma retenção (72%) e nenhum aluno teve três ou mais retenções. A idade dos participantes, na amostra geral, varia entre 9 e 15 anos ($M = 11.4$, $DP = 1.1$); já para os alunos do 5.º ano a média da idade é 10.4 anos ($DP = 0.54$), sendo 11.4 ($DP = 0.67$) e 12.6 ($DP = 0.81$) para os alunos do 6.º e 7.º ano, respetivamente. Quanto ao nível socioeconómico (NSE) dos alunos a amostra está distribuída de forma bastante homogénea pelos três níveis considerados: NSE baixo ($n = 99$, 31.2%), médio ($n = 108$, 34.6%) e alto ($n = 105$, 33.7%).

Instrumentos

Um questionário de papel e lápis foi usado para recolher informação sociodemográfica acerca dos alunos (e.g., sexo, ano de escolaridade, idade) e dos construtos psicológicos relevantes, nomeadamente uma versão abreviada de um inventário de decisão de carreira e um questionário sobre alternativas vocacionais.

Perfil de Decisão de Carreira (PDC). O PDC é a adaptação do *Career Decision Profile* (CDP: Jones, 1989) para o Português europeu (Silva, 1997, 2009). Na sua versão comum o PDC inclui seis subescalas e um total de 16 itens. As respostas são obtidas numa escala de tipo Likert com 8 pontos (1 = *Concordo fortemente*; 8 = *Discordo fortemente*). Neste estudo não foram usadas todas as subescalas do inventário, mas apenas algumas delas: a subescala de *Decisão* (“Quão decidido é que você está?”; 2 itens) e três das subescalas de *Razões* (i.e., avaliando alguns dos fatores putativos da indecisão dos indivíduos, nomeadamente a *Clareza de si mesmo*, o *Conhecimento acerca das profissões/oferta educativa*, e a *Decisividade*), incluindo três itens cada uma delas. Pontuações altas na primeira subescala revelam um maior grau de decisão, já nas outras três subescalas maiores pontuações sugerem maior indefinição da autoimagem, menor conhecimento do mundo profissional e das formações educativas e maior indecisão generalizada. As estimativas de consistência interna para estas subescalas, numa amostra de estudantes Portugueses do 9.º ano de escolaridade, cifraram-se em .70 (Decisão), .79 (Clareza), .65 (Conhecimento) e .74 (Decisividade). Evidências acerca da validade de construto dos scores (e.g., validade convergente e discriminante) foram obtidas através de correlações destas variáveis com outras medidas de indecisão vocacional (Silva, 2009).

Questionário de Alternativas Profissionais (QAP).

Trata-se da adaptação para o Português europeu da *Occupational Alternatives Question* (OAQ: Slaney 1988). O QAP é uma medida sumária do nível percebido de indecisão vocacional (Silva, 1994). Os scores podem variar entre 1-4 pontos; uma maior pontuação corresponde a um maior grau de indecisão vocacional. Apesar de ser uma medida grosseira do

nível de indecisão, mesmo assim as pontuações obtidas com este procedimento tem revelado bons níveis de validade convergente e discriminante com outras medidas do comportamento vocacional (Silva, 2004; Slaney, 1988).

Resultados

Uma análise exploratória de Componentes Principais (CP) foi executada na matriz de intercorrelações (coeficientes de Pearson) dos 11 itens do CDP depois de se comprovarem os pressupostos de fatorização da matriz ($KMO = .74$ e $\chi^2(55) = 763.60$, $p < .001$). O número de componentes da solução foi decidido após exame dos critérios convencionais (e.g., Zwick & Velicer, 1986: *valores próprios*, $K > 1$, teste *scree* de Cattell e *análise paralela*). Os três critérios convergiram numa solução com três componentes que após a extração inicial foram transformadas através do procedimento de rotação *Varimax* com normalização de Kaiser. Os coeficientes de regressão estandardizados (*loadings*) dos itens nas respectivas componentes podem ver-se na Tabela 1. Esta solução explicou 56% da variância total. Os dois itens da faceta *Decisão* e os três itens da subescala *Decisividade* saturaram em componentes independentes tendo cada destas componentes explicado 14% e 18%, respetivamente, da variância total. Já os seis itens avaliando as facetas *Clareza de si mesmo* e *Conhecimento das profissões/educação* saturaram num único componente (e explicaram 24% da variância total).

Tabela 1.
Médias, desvios-padrão e coeficientes de regressão (loadings) dos itens e facetas do CDP

	<i>Média</i>	<i>Desvio-Padrão</i>	<i>Coefficientes de Regressão</i>
Item 1	5.68	2.28	.84
Item 2	5.39	2.41	.87
<i>Decisão</i>	5.54	2.02	
Item 3	6.36	2.00	.70
Item 4	5.39	2.44	.72
Item 5	5.77	2.22	.63
<i>Clareza de si^a</i>	5.84	1.74	
Item 6	5.77	2.01	.73
Item 7	4.28	2.49	.54
Item 8	5.29	2.22	.57
<i>Conhecimento de Profissões^a</i>	4.53	1.64	
Item 9	4.03	2.46	.66
Item 10	4.44	2.39	.80
Item 11	4.09	2.27	.84
<i>Decisividade</i>	4.18	1.87	

^aEstes itens saturaram conjuntamente na mesma componente

Em termos da consistência interna, estimada através do coeficiente *alfa* de Cronbach, os valores calculados

foram .66 (*Decisão*, 2 itens), .74 (*Clareza de si e Conhecimento das profissões/educação*, 6 itens) e .70 (*Decisividade*, 3 itens). A consistência interna estimada separadamente para os três itens de cada uma das subescalas *Clareza de si* e *Conhecimento de Profissões/Educação* foram .68 e .56, respetivamente.

Uma MANOVA realizada nas pontuações das 4 facetas do CDP em função do sexo dos respondentes revelou-se estatisticamente não significativa ($\Lambda = .977$), $F(4, 307) = 1.79$, $p = .13$, $\eta_p^2 = .02$ (a tabela com as médias e os desvios-padrão nas variáveis em função do sexo usada nesta análise pode ser solicitada aos autores).

Analísaram-se de seguida as associações entre as pontuações da medida de indecisão – o índice QAP (dois respondentes tiveram de ser excluídos nesta variável) – com as 4 subescalas do CDP usadas neste estudo. Apenas uma das correlações de Pearson, designadamente entre o QAP e a medida de *Decisão* do CDP, $r(307, N = 309) = -.30$, $p < .001$, $r^2 = .09$, se mostrou estatisticamente significativa.

Discussão

Sendo inegável que as decisões vocacionais com real impacto nas trajetórias educativas e profissionais (carreira) geralmente acontecem durante a segunda metade ou mesmo no final da adolescência (o timing certo varia em função de muitos fatores, mas um bastante determinante está relacionado com a estrutura do sistema de ensino em causa) seria inapropriado esquecer todo o processo cumulativo de experiências, acontecimentos e a miríade de fatores e suas interações que os indivíduos vivenciaram até esse momento das suas vidas. A perspetivação da escolha vocacional como um processo de desenvolvimento ao longo da vida, em contraponto com uma visão pontual e estática desse fenómeno, constitui um dado adquirido da ciência da carreira atual (Super et al., 1996; Vondracek, 2001). Essa é uma das razões porque os investigadores da psicologia vocacional têm dedicado uma crescente atenção ao estudo do comportamento e do desenvolvimento vocacional durante a infância e os primeiros anos da adolescência (Hartung et al., 2005; McMahan & Watson, 2005; Skorikov & Patton, 2007). Infelizmente são poucos os estudos que procuram compreender a natureza e os processos de decisão e indecisão nas primeiras eras da vida. Este estudo procurou colmatar essa lacuna usando uma amostra transversal de alunos do 5º, 6º, e 7º anos de escolaridade (final da infância e começo da adolescência). Os resultados permitiram corroborar parcialmente as hipóteses do estudo. As evidências sugerem a plausibilidade da aplicação de um modelo simplificado de decisão – contemplando uma faceta avaliando o estatuto de decisão e dois tipos distintos de fatores de indecisão vocacional – previamente testado com participantes mais velhos (Jones, 1989; Silva, 2009). O nível de precisão das medidas foi considerado aceitável, sobretudo tendo em conta o diminuto número de indicadores por dimensão (apenas 2-3 itens). Já no que diz respeito à validade convergente das medidas com

um índice de indecisão vocacional os dados não são completamente convergentes com os obtidos num estudo anterior (e.g., Silva, 2009); neste caso apenas o nível de decisão mostrou estar associado de forma negativa e estatisticamente significativa com o indicador da intensidade da indecisão de carreira. Estes dados são porém robustos, além disso, são similares aos obtidos no estudo norte-americano (Jones, 1989). De igual modo ao que conhecemos de estudos previamente efetuados também com estes participantes mais novos não encontramos evidências de diferenças sexuais nas variáveis examinadas. Apesar das limitações do presente estudo (e.g., amostra foi recolhida numa única cidade e com alunos do ensino privado) este estudo apresenta várias implicações teórico-práticas relevantes. Obteve-se suporte para um modelo do estatuto de decisão (e para a medida que o operacionaliza) em idades bem mais precoces do que as habitualmente referenciadas. Os dados recolhidos permitem a realização de novos estudos sobre os perfis de decisão/indecisão em crianças e adolescentes e das suas associações (através de metodologias tanto transversais como longitudinais) com outras variáveis personalísticas e do desenvolvimento vocacional.

Referências

- Amir, T. & Gati, I. (2006) Facets of career decision-making difficulties. *British Journal of Guidance and Counselling*, 34, 483-503. doi: 10.1080/03069880600942608
- Brown, S. D., & Rector, C. C. (2008). Conceptualizing and diagnosing problems in career decision-making. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Handbook of counseling psychology* (4th ed., pp. 392–407). New York, NY: Wiley.
- Crites, J. O. (1969). *Vocational psychology*. New York: McGraw-Hill.
- Gati, I., Krausz, M., & Osipow, S. E. (1996). A taxonomy of difficulties of career decision making. *Journal of Counseling Psychology*, 43, 510-526.
- Gati, I. & Tal, S. (2008). Decision-making models and career guidance. In J.A. Athanasou, R. Van Esbroeck (Eds.) *International Handbook of Career Guidance* (pp. 197-185). Springer Science + Business Media B.V.
- Gottfredson, L. S. (1981). Circumscription and compromise: A developmental theory of occupational aspirations [Monograph]. *Journal of Counseling Psychology*, 28, 545–579.
- Hartung, P. J., Porfeli, E. J. & Vondracek, F. W. (2005). Child vocational development: a review and reconsideration. *Journal of Vocational Behavior*, 66, 385-419.
- Hartung, P. J., Porfeli, E. J. & Vondracek, F. W. (2005). Career adaptability in childhood. *Career Development Quarterly*, 57, 63-74.
- Kelly, K. R., & Lee, W.-C. (2002). Mapping the domain of career decision problems. *Journal of Vocational Behavior*, 61, 302–326. doi: 10.1006/jvbe.2001.1858
- Jones, L. K. (1989). Measuring a three-dimensional construct of career indecision among college students: A revision of the Vocational Decision Scale – the Career Decision Profile. *Journal of Counseling Psychology*, 36, 477-486.
- Jones, L. K. & Chenery, M. F. (1980). Multiple subtypes among vocationally undecided college students: A model and assessment instrument. *Journal of Counseling Psychology*, 27, 469-477.
- Jones, L. K. & Lohmann, R. C. (1998). The Career Decision Profile: Using a measure of career decision status in counseling. *Journal of Career Assessment*, 6, 209-230.
- Osipow, S. E., Carney, C., & Barak, A. (1976). A scale of educational-vocational undecidedness: A typological approach. *Journal of Vocational Behavior*, 9, 233-243.
- Santos, P. J. (2001). Predictors of generalized indecision among Portuguese secondary school students. *Journal of Career Assessment*, 9, 381-396. doi: 10.1177/106907270100900405
- Savickas, M. L. (1997). Career adaptability: An integrative construct for life-span, life-space theory. *Career Development Quarterly*, 45, 247-259.
- Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Career development and counselling: Putting theory and research to work* (pp. 42–70). Hoboken, NJ: Wiley.
- Silva, J. T. (1994). Validade de um questionário de interesses expressos como medida da indecisão de carreira. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 28, 371-390.
- Silva, J. T. (1997). *Dimensões da indecisão de carreira: Investigação com adolescentes* (Tese de doutoramento não publicada). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Silva, J. T. (2004). Avaliação da indecisão de carreira. In L. M. Leitão (Coord.), *Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional* (pp. 347-386). Coimbra: Quarteto.
- Silva, J. T. (2009). Career Decision Profile (CDP) – versão portuguesa: Estudo metrológico. In B. D. Silva, L. S. Almeida, A. Barca, & B. Peralbo (Orgs.), *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 473-488). Braga: CIEd.
- Seligman, L. (1994). *Developmental career counseling and assessment*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Skorikov, V. & Patton, W. (Eds.) (2007). *Career development in childhood and adolescence*. Rotterdam: Sense Publishers.
- Slaney, R. B. (1988). The assessment of career decision making. In W. B. Walsh & S. E. Osipow (Eds.), *Career decision making* (pp. 33-76). Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- Stead, G. B., & Schultheiss, D. (2010). Validity of Childhood Career Development Scale scores in South Africa. *International Journal of Educational Vocational Guidance*, 10, 73-88.
- Super, D. E., Savickas, M. L., & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. In D. Brown, L. Brooks, & Associates (Eds.), *Career choice and development* (3rd ed., pp. 121-178). San Francisco: Jossey-Bass.

- Tinsley, H. E. (1992). Career decision making and career indecision. *Journal of Vocational Behavior*, 41, 209–211. doi:10.1016/0001-8791(92)90022-R
- Vondracek, F. (2001). The developmental perspective in vocational psychology. *Journal of Vocational Behavior*, 59, 252-261. doi:10.1006/jvbe.2001.1831
- Watson, M. & McMahon, M. (2005). Children's career development: A research review from a learning perspective. *Journal of Vocational Behavior*, 61, 119-132.
- Zwick, W. R., & Velicer, W. F. (1986). Factors influencing five rules for determining the number of components to retain. *Psychological Bulletin*, 99, 432-442.

Agradecimientos

Este estudo surge no âmbito do projeto de doutoramento em Psicologia da primeira autora, sob a supervisão científica dos dois coautores